

Tradições Questionadas em O Guardador de Memórias de Isabel Ferreira, Escritora De Angola

Denilson Lima Santos*

Resumo: O livro *O Guardador de Memórias* da escritora angolana Isabel Ferreira nos apresenta uma variedade de personagens que nos saltam aos olhos e fluem no enredo como se fosse uma série de indivíduos rodeados por suas memórias. A partir dessa narrativa fluente e confluyente destacamos a personagem Mavinda Massogi como figura emblemática para se pensar as tradições questionadas numa sociedade que ora se apresenta como moderna, ora se demonstra como detentora do legado ancestral. Sendo assim, este ensaio propõe discutir os embates entre tradição e modernidade nas vozes das mulheres que povoam a narrativa.

Palavras-chave: Tradições, Memória, Luanda, Mulher, Sociedade, Literatura.

Resumen: El libro *O Guardador de Memórias* de la escritora de Angola, Isabel Ferreira presenta una variedad de personajes que se presentan y fluyen en la trama como una serie de personas, enredados de sus recuerdos. A partir de esta narración fluida y confluyente Massogi Mavinda resalta en la anécdota una interlocutora que tiene la función de pensar las tradiciones en una sociedad que ahora se presenta como moderna, a veces esa sociedad se muestra con el legado ancestral. Por lo tanto, este ensayo tiene como objetivo discutir los enfrentamientos entre la tradición y la modernidad en las voces de las mujeres que están en el relato.

Palabras clave: Tradiciones, Memoria, Luanda, Mujer, Sociedad, Literatura.

* Denilson Lima Santos, Mestre em Literatura e Diversidade Cultural; Doutorando em Literatura pela Universidad de Antioquia (Medellín, Colômbia); Professor Visitante da Fundación Universitaria del Área Andina (FUNANDI, Seccional Pereira, Colombia). E-mail: denilsonlimas@gmail.com

1 Sobre *O guardador de memórias*

O livro da escritora angolana Isabel Ferreira, *O guardador de memórias*, se apresenta como uma obra que, por meio da sedução, sequestra o leitor e o transporta para um mundo de lembranças revividas a cada momento nos espaços e esquinas da cidade de Luanda em Angola.

O enredo ganha força porque o narrador multiforme apresenta a vida em Luanda e ao mesmo tempo questiona tradições, costumes e crenças daquela sociedade. Valores, calcados nas tradições da sociedade angolana, são criticados e questionados por sua razão de ser. Com expressões como “Apenas sei que o meu Deus está morto!” (FERREIRA, 2008, p.21), ou com “Os homens nasceram com propensão à promiscuidade” (Idem, p. 23), a narrativa vai além de binarismo passado/presente; modernidade/tradição; homem/mulher, demonstrando assim que suas personagens chegam a representar pessoas que se posicionam diante da vida, segundo suas experiências particulares e afetivas.

Ao observarmos a história de Isabel Ferreira, encontramos personagens quais, a partir das memórias do narrador, trazem ao plano das experiências cotidianas a memória da cidade e das pessoas. De fato, a memória aqui é um espaço de encruzilhada, pois “o que foi não é uma coisa revista por nosso olhar, nem é uma ideia inspecionada por nosso espírito – é alargamento das fronteiras do presente, lembrança de promessas não cumpridas” (CHAUÍ, 1994, p. 18).

Nesse mundo criado e recriado, focalizamos o nosso olhar sobre uma personagem que se torna emblemática, em meio a tantas outras: Mavinda Massogi. Esta mulher trará em seu discurso a situação da tradição luandense do presente e, ao mesmo tempo, o papel da mulher na sociedade de Angola.

E, assim, a partir das questões levantadas pelas personagens, este ensaio tece uma visão sobre o lugar da tradição nos embates simbó-

licos vividos por mulheres que povoam a narrativa. É na observação do espaço e papel da mulher, aqui como representação simbólica, que traçaremos a comparação de tradições traduzidas na literatura africana contemporânea.

2. As (des) lágrimas de Mavinda Massogi

No capítulo *Mavinda Massogi, a deslgrimada*, o narrador apresenta uma mulher presa e sujeita às tradições, ou seja, uma pessoa que divide sua vida com a cidade e seus ritos culturais, tecendo o urbano como *locus* de sobrevivência e desafio. Ao seguirmos na fluência da narrativa, encontramos um emaranhado de humanos e objetos delineados por uma descrição do ambiente em constantes embates. Isto é visível quando, por exemplo, o narrador relata a cidade descuidada pela ação humana: “Os potentes automóveis sulcando o esqueleto do asfalto. O asfalto foi sugado pelas chuvas e pela inércia do homem que prefere remediar do que prevenir” (FERREIRA, p. 235, 2008, sic.).

O narrador relata, por meio de uma ótica crítica, uma vida cidadina engendrada de caos e tradições. Os encontros de gente, ruas, carros duelam em uma Luanda que vive um presente moderno, combatendo com uma memória agarrada às tradições.

Além do exposto até aqui, percebe-se uma narrativa fluída, além de descrever os aspectos físicos da cidade, os costumes – o que está no plano da cultura – ou até mesmo a política, o comportamento e a transformação do ritmo de vida que outrora a cidade tinha. Em realidade, tais transformações podem ser denotadas quando o narrador descreve que homens do serviço de imigração comem as comidas que as moças fazem, pois “o tempo é tão escasso que não há tempo, para ir a casa comer” (FERREIRA, 2008, p. 236). Assim, a transitoriedade da vida é resultado de um crescente urbanismo que influencia os costumes.

Neste emaranhado de descrições, aspectos da cidade e tradições nos aparece Mavinda. Ela que está ali em Banda – como é chamada Luanda a capital de Angola pelo narrador – assim como as casas, pessoas e ruas, formam cenários em que humanos e objetos compõem a narrativa como pequenos fios que tecerão as grandes teias da memória:

Há mais de trinta anos, ergueram-se estranhas habitações. Umas, o colono, já as tinham deixado, outras misteriosamente foram construídas sem autorização da autarquia local. É numa dessas casas que o colono deixou que Mavinda Massogi enrosca seu corpo das canseiras do cotidiano. Mavinda Massogi ufana-se. Ressalta à sua sorte. Com a sua amiga e com a vizinha partilham iguarias da terra. Conversam tranquilamente. Contradizem-se e se amenizam (FERREIRA, 2008, p. 237).

O desenho da cidade complementa-se com a vida de Mavinda. A arquitetura das casas – herança dos tempos coloniais – entrecruza-se com a história de Angola num período pós-colonial. Aqui nos parece como se fosse uma vida reconstruída depois da malograda presença lusa em terras de África. Como bem sabemos, esta presença custou rios de sangue (Cf. AUGEL, 2007, p. 56).

Neste meio entre o urbano e moderno, Mavinda Massogi pode ser compreendida como testemunha da transformação do local e de suas tradições. Ao pensar nisso é possível perceber “a ênfase [da] narrativa colocada na dimensão vivencial de um sujeito individual, cuja experiência e testemunho literário o convertem em sujeito histórico” (RIBEIRO, 2004, p.8-9). Evidentemente, a obra literária discutida aqui não se propõe como registro de uma historiografia de Angola, mas, por outro lado, percebemos que o narrador insere, em seus relatos, fatos que envolvem a sociedade de Luanda que são sujeitos desta reflexão a partir dos diálogos das personagens. Neste sentido, Mavinda é a representação da

mudança real na sociedade que se constitui como representação do sujeito histórico.

É possível pontuar e observar na narrativa de *O guardador de Memórias* a presença de questões que vão além dos limites do pós-colonialismo, ou da história. Pensa-se aqui em uma dimensão de relações pessoais e interpessoais que se re-elaboram num contexto de fragmentação das tradições, ou em fraturas afetivas. Como exemplo disso, o personagem Langart – que é casado com Mavinda – traz um histórico de traição de seu primeiro casamento. Ele flagra a ex-mulher mulata com outro mulato. Em uma conjuntura de tradições cristalizadas e sexistas, isso seria uma afronta para a dignidade do homem africano. Como uma forma de crítica, o narrador expõe o fato da traição de Langart de maneira jocosa. Assim, a narrativa aponta uma tensão, pois a deslealdade sofrida pelo esposo de Mavinda é motivo de piada por parte de sua amiga Kiluva que comenta o ocorrido de forma irônica, dando ao enredo um tom de conflito nas relações entre os indivíduos. Por outra parte, aparece um elemento apaziguador na narrativa: Madian que assume no enredo uma função refratária entre as demais mulheres.

As falas das personagens são interpoladas, ora Mavinda narra sua história de casamento com um homem que foi traído, ora Kiluva reage comicamente a este fato e por sua vez, Madian compara sua cultura (do Senegal) com a de Mavinda (de Angola):

– Esta mulata teve muita sorte. Na minha terra, quando a mulher preega (prega), isso é quando intruja o homem, engana o muadié, lhe trocando por outro, tem que devolver o alambamento. O enganado vai dar queixa na família (família) e depois o homem tem que ser compensado (FERREIRA, 2008, p. 237).

Eis o choque de visões de mundo que a narrativa de Isabel Ferreira apresenta. Encontramo-nos diante de evidências em que,

no diálogo, as memórias ganham tonalidades multifacetadas. Nas conversas das personagens, o embate entre o moderno e a tradição é constante e por isso a narrativa está permeada de tensões devido a opiniões que são relatadas desde o ponto de vista das experiências particulares. Neste sentido, a vida, segundo a ótica de Mavinda Mas-sogi, é a continuação das heranças dos antepassados: “Eu respeito os costumes da minha terra, apesar de viver com ele, devo respeitar meus ancestrais” (FERREIRA, 2008, p. 238).

Todo o modo de o africano conceber o mundo está profundamente ligado – como bem nota Honorat Aguessy, em ‘Visões e percepções tradicionais’ – ao fato de ser a oralidade a dominante em sua cultura. Nela, segundo o autor, ‘a detenção da palavra [...] é sinal de autoridade’, o que leva o africano a atribuir um peso mais expressivo não só aquela mesma palavra, mas ao seu detentor no processo da ritualidade social; quem tem o poder da palavra se faz, por isso, um ser absolutamente aurático. Assim, por exemplo, nas antigas comunidades, um mesmo velho que se sentava ao sol, para tecer seu luando e/ou fumar seu secular cachimbo de água, no conselho de anciãos se transformava em seu luminoso e iluminado de cuja palavra dependia o próprio destino dos homens e do grupo (PADILHA, 2007, p. 36).

No diálogo entre as personagens de *O guardador de Memórias* está presente o estrado em que as tradições são re-elaboradas e perpetuadas, porém questionadas. Em relação à matrilinearidade, defendida por Madian e Mavinda vozes de um aprendizado, a partir de suas mães, de que o sangue se transmite pelo útero materno, não é bem vista por Kiluva, como percebemos em sua fala: “- Isso são histórias do arco - da - velha amiga! Queres me dar aula de história? São ritos, amiga! Até tu, que andas na Universidade, ainda pensas assim?” (FERREIRA, 2008, p. 240).

Neste corpo sacralizante e sacralizada das palavras – como bem nos sinalizou Laura Cavalcante Padilha (2007, p. 35) – as mulheres tecem suas vidas que “reafirma o gozo do texto”. As palavras ganham formas no tapete da tradição e provocam um embate em que os ritos são refletidos, defendidos e duvidados. Em combate às ideias antagônicas de Kiluva, Mavinda se desponta em defesa das tradições de seu povo:

- Nos dias de hoje, aqui na nossa Banda, estamos a destruir os valores culturais. No passado não era assim. Os hábitos e a tradição eram sagrados. São hábitos e costumes de alguns povos que envolvem até famílias distintas. É o caso do alambamento, o noivado, a herança. Por exemplo, o noivado em algumas zonas do país termina antes da puberdade da rapariga. Quando lhe enchem os peitos aí a consumação tem lugar na casa da rapariga. E há famílias que só deixam as suas filhas saírem de suas casas grávidas para irem para a casa do marido, que nesta altura deixa a casa do pai e constrói uma casa para ele e a mulher. Tudo isso são costumes Bantos (FERREIRA, 2008, p. 240).

O pensamento de Mavinda é de que os costumes da sociedade angolana estão mudando e isso não poderia ocorrer, uma vez que a tradição é que perpetua a ancestralidade. Na narrativa de Isabel Ferreira a palavra guarda a tradição, guarda os preceitos no interdito do falar e do ritual. Os costumes identificam um povo, uma etnia, no caso do romance *O guardador de memórias*, identifica o povo Banto que tem a cultura de resguardar o que lhe é peculiar: as tradições que os caracterizam como tal povo.

3. Memória e tradição

Compreendemos aqui memória como aquela que “permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, in-

terfere no processo atual das representações” (BOSI, 1994, p. 28-9). Por isso, no diálogo das personagens Mavinda, Kiluva e Madian encontramos a todo o momento as tradições presentes como resultados da memória do passado que se representam no contemporâneo a partir dos ritos.

Para nossa personagem em evidência Mavinda Massogi, a tradição de seu povo é tão forte quanto sua subjetividade, sua origem:

Os costumes africanos são muito fortes. Quase vinculativos. Por exemplo: quando morre um Lozi os seus parentes não têm direito de ficar com as esposas. Estas são livres de ir e casar com quem quiserem. Entretanto elas terão o apoio e aprovação se, tendo filhos casarem com o irmão do falecido, ou com o sobrinho uterino que resida na aldeia de modo a evitar que os filhos saiam da casa paterna. Pode ser este o teu caso Kiluva... Talvez seja por isso, que querem que vás à terra da família do teu homem (FERREIRA, 2008, p. 240).

No limiar do diálogo entre Mavinda e Kiluva um elemento que seria antagônico à tradição é chamado à cena: a escolaridade de Mavinda:

Kiluva aborrecida reclamou:

Então concordas com a atitude da família do defunto, não é senhora historiadora? (Idem, loc. Cit.)

O grau de formação superior não anulou a observação das tradições por Mavinda, esta tem uma compreensão antropológica do rito:

Não! Quero apenas te dizer que a família do defunto deve se reger por tradições muito rigorosas. Quero apenas explicar-te que há casos em que a mulher é subordinada ao marido e aos ditames familiares. Depois das exéquias fúnebres, a viúva subordina-se a família do falecido. É uma atitude que é entendida como de proteção à mulher e aos órfãos (FERREIRA, 2008, p.241).

A situação da mulher africana é de a condição de proteção da tradição que, embora o sangue seja matrilinear, os rigores patriarcais são ditados e impostos. É pelo diálogo que o entrecruzamento de ideias acontecem pois

a palavra é um bem. A fala é vida, é ação. É sopro que transforma. A fala faz acontecer o que preexiste em potência em cada movimento do universo. No universo africano tudo fala, e pela palavra tudo ganha força, forma e sentido, e orientação para a vida. Nas culturas africanas, principalmente hoje, compreende-se a história a partir da compreensão da oralidade. É através da oralidade, da voz do/s narrador/narradores que os mitos e os modos de organização dos rituais são transmitidos (MACHADO, 2006, p.80).

O caminho entre o patriarcalismo e o papel da mulher na sociedade africana está posto em discussão, segundo a narrativa de *O guardador de Memórias*. De fato, podemos observar que, no contexto do romance, o corpo da mulher africana é parte de uma tradição que está centralizada no pensamento masculino. Como nos assevera N'Goné Fall:

Nascer-se mulher em África é uma desvantagem e todas as medidas voluntaristas com vista à paridade de gênero ainda não são suficientemente eficazes. As mulheres ainda são tratadas como mercadoria, passando da tutela do pai para a do marido e as suas vozes nem sempre contam. Assim, como é que obtêm o que pretendem dos seus maridos ou põem fim a uma disputa doméstica? Por vezes, através do poder da sedução; os seus corpos garantirão as tréguas na cama. Usando a carne como arma, a mulher obtém algumas horas de superioridade, quando o homem baixa as suas defesas. Em África, tudo é negociável. As mulheres sabem que o seu corpo é um perpétuo objecto de desejo, fantasia

e submissão – à semelhança de um pedaço de terra que os homens podem possuir e explorar a seu bel-prazer, por vezes, sem autorização. A guerra e a violação partilham uma longa história, enquanto exercício de violência para conquistar uma terra ou possuir um corpo (2011).

O romance de Isabel Ferreira, *O Guardador de Memórias*, pode ser visto como uma resistência a essa concepção de poder sobre o corpo da mulher. Ao tecer críticas à sociedade, a escritora luandense coloca em evidencia o papel da mulher que deve decidir seu destino, atribuindo à personagem Kiluva o papel de refletir e questionar a tradição.

Dessa forma, as personagens estão engendradas em uma discussão de si e do mundo e aparentemente começam a se dar conta que a Luanda de outrora não existe, bem como seus costumes também já começam a se dissolver na modernidade. Nesse trajeto, as vozes de Mavinda, Kiluva e Madian são respostas que se darão a questionamentos sobre tradição e contemporaneidade.

Considerações finais

Nas malhas das tradições de Angola, o diálogo das mulheres se tece. A centralidade dos ritos e heranças dos ancestrais estão presentes na narrativa de Isabel Ferreira e emergem nas memórias do narrador que se torna o guardião das palavras: “O que vos conto, nesta minha vida mortal, onde me chamo o Guardador de memórias, é que não há reminiscência parecida. São muitas vidas, numa vida onde não sou dono. É um mundo que já não me pertence. Vivo nele sem que ninguém me veja” (FERREIRA, 2008, p. 284).

Essas vidas são reatualizadas nas representações femininas como Mavinda, Kiluva e Madian. A voz do narrador é a erupção da memória que advém como “força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (BOSI, 1994, p. 47).

Conhecer seus costumes é essencial para compreender-se, pelo menos é o que Madian pensava sobre as tradições:

Madian concluiu que Kiluva não sabia nada de seus ancestrais. Suspirou e monologou: Hum! Pensamos que toda moça bonita é inteligente, afinal ...

[...]

Tenho pensado muito a minha situação. Sempre a receber ralhetes dos amigos. Mas eu vou aprender! Eu preciso aprender a falar e a escrever. Eu não andei na escola. Mas esta jovem andou na escola e não aprendeu nada e nem se interessa pelos hábitos e costumes do país? Como é possível? Se não conheces o teu passado, não tens história. Ela devia saber algo sobre hábitos e costumes dos nossos antepassados (FERREIRA, 2008, p. 241).

Para Madian – que falava português com dificuldades devido a sua origem senegalesa – o conhecimento sistemático, nesse caso o escolar, não deveria anular o conhecimento tradicional. Era preciso conhecer seu povo, seus costumes e nesse mar de pensamentos a personagem ingressa na escola, porém não anula a herança ancestral que traz consigo.

Podemos observar que, do outro lado da margem, ficam Mavinda Massogi e Kiluva. A primeira escolarizada e devota das tradições; a segunda também dominante do conhecimento acadêmico e cética em relação à subserviência da mulher numa sociedade de costumes tradicionais patriarcais. Ambas resguardam em si a voz da mulher que refletem e discutem, a seu modo, os códigos da tradição que estão ruindo em meio às transformações modernas da cidade luandense.

Em suma, nos sons das vozes dessas mulheres-personagens, encontram-se a representação de uma sociedade que anda de mãos dadas com a modernidade e que está imersa no questionamento das tradições. Conseqüentemente, na oralidade das narrações das vidas

das angolanas são construídas outras formas de pensar, agir e resistir à ideia de que mulher é subjugada aos desejos dos homens. Além disso, no período de pós-guerra civil de Angola e sua modernização, as tradições são vividas e questionadas por mulheres que sentem e vivem seu papel significativo de uma sociedade em transformação.

Referências

- AUGEL, Moema Parente. *O desafio do escombros: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: Lembranças dos velhos*. São Paulo: CIA das letras, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. Apresentação – Os trabalhos da memória. In: BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: Lembranças dos velhos*. São Paulo: CIA das letras, 1994.
- FALL, N'Goné. *Criando um espaço de liberdade: mulheres artistas de África*. Disponível em: http://www.artafrica.info/novos-pdfs/artigo_16-pt.pdf. Acesso em 16 jul. 2011.
- FERREIRA, Isabel. *O guardador de memórias*. Luanda: KujizaKuami, 2008.
- MACHADO, Vanda. Tradição oral e tradição africana e afro-brasileira. In: SOUZA, Florentina & LIMA, Maria Nazaré. *Literatura afro-brasileira*. Salvador: CEAO; Brasília: Fundação Palmeiras, 2006.
- PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XXI*. Niterói: Eduff; Rio de Janeiro: Pallas, 2007.
- RIBEIRO, Margarida Calafate. *África no feminino: As mulheres portuguesas e a Guerra Colonial*. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais/Coimbra*, n.68, 2004, p. 7-29.